

**Carlos Rocha**  
leitorado de Oxford  
Instituto Clamores

**Saber e conhecer em fórmulas e expressões fixas num corpus de  
textos notariais dos séc.s XIII a XV**

0. Introdução

O estudo da mudança e variação linguísticas também abrange as fórmulas e as expressões fixas, que cristalizam aspectos de anteriores fases da história da língua, mas cuja lexicalização acaba por as integrar na dinâmica evolutiva da língua. Os termos "fórmula", "expressão fixa", "frase feita", "locução", "giro", embora não correspondam todos ao mesmo objecto de análise, têm em comum propriedades que MARCHELLO-NIZIA (1992)<sup>1</sup> englobou no conceito de "figement", relativo à sequência linguística caracterizada pela neutralização da composicionalidade dos seus termos constituintes.

Pretende-se aqui dar conta da variação de formas de "saber" e "conhecer" nas "notifications" de documentos notariais

---

"Il faut évidemment s'entendre sur ce qu'on nomme figement; mais dès lors qu'on le définit comme une construction formée d'au moins deux mots, qui échappe le plus souvent aux règles de la compositionalité propres à chacun des termes et qui, si elle admet des variations, n'en tolère qu'un nombre très réduit, on constate qu'on peut parler de figement pour un très grand nombre d'énoncés ou de parties d'énoncé. (...) ce terme a l'avantage de désigner non seulement le résultat d'un processus, mais également le processus lui-même (...)" id., p.44.

"Conhecer" é forma frequente para o período medieval. Assinale-se, porém, que "conhecer" já está atestado desde o séc. XIV (MACHADO, (1987) Dicionário Etimológico da Língua

portugueses da Idade Média. As fórmulas de notificação destinavam-se a dar conhecimento de um acto jurídico (cf. MARQUES, s.d.) e revelam, como se verá, uma temporalidade própria, diversa da que é costume detectar noutro tipo de elementos ou sequências.

### 1. "saber"/"conhecer": alguns aspectos de semântica sincrónica e diacrónica

À semelhança de outras línguas românicas, o português pode exprimir com "saber" e "conhecer" (verbos epistémicos ou de actividade mental, cf. MATEUS, 1989: 270-272)<sup>3</sup> a relação de um sujeito com um objecto ou um estado de coisas<sup>4</sup>. No que diz

---

Portuguesa ).

<sup>3</sup> VILELA (1992: 414) refere o facto de o sujeito destes verbos não incluir o traço semântico de "acção de controle" (ibid.). Em MATEUS (1989), **saber** é classificado como um Pe (predicador de estado) experiencial de dois lugares (p.48), mas não parece ser tratado como evento (Pev), apesar de o emprego discursivo do verbo poder assumir valor transitório (cf. CAMPOS, 1984: 16-19). Uma diferente classificação, em termos de tipologia de predicadores, para **conhecer**, é sugerida pela ocorrência do marcador em contextos característicos dos actuais verbos que em MATEUS(1989: 50) são classificados como **Pev não causativos de actividade mental** ( **concluir, descobrir, inferir** ).

<sup>4</sup> " (...) Posséder une connaissance, c'est être en mesure d'affirmer que telle valeur, dans le domaine des valeurs modales assignables à une lexis, est adéquate à l'état de choses". Culioli, cit. FRANCKEL & LEBAUD, 1990: 90). O mesmo valor pode ser atribuído a "conhecer", mas a sua identificação parece pouco produtiva para a definição da idiosincrasia do verbo, sobretudo pela razão de este, como verbo "simples" (ver LEBAUD, 1990: 165) não determinar o valor de verdade de uma completiva (em termos lógicos, um contexto opaco), ao contrário de "saber" (verbo "operador", ver id., ibid.)

respeito ao francês, FRANCKEL e LEBAUD (1989) consideram que "savoir" constitui o sujeito como fonte de identificação das determinações qualitativas do termo complemento, que assume um funcionamento predicativo"; "connaître" apenas actualiza na enunciação uma relação de localização ente o sujeito e o complemento". O francês, porém, aceita a sinonímia com complementos do tipo presente em (1) (*nom de famille, nouvelle, sa leçon sur le bout des doigts*). O português contemporâneo dificulta a compatibilidade de conhecer com complementos com funcionamento predicativo, como em (2):

(1) il sait/connaît le numéro de téléphone de Paul

(2) ele sabe/?conhece o número de telefone de Paul

A distribuição sintáctica destes verbos é também diferente. Vilela (1992: 422) admite, porém, que "conhecer" seleccione uma completiva introduzida por "que", quando significa

---

Os termos "identificação", "determinações qualitativas", "marcador" e "operação" relevam do quadro da teoria formal enunciativa de A. Culioli (1990) (ver também FRANCKEL & LEBAUD, 1990: 89, 210). Sobre o funcionamento predicativo, vide FRANCKEL & LEBAUD (1990: 218): "...implique dissociation entre la construction de la propriété prédiquée et celle du terme sur lequel porte cette propriété et qui constitue son support d'ancrage situationnel."

"...**connaître** consiste à inscrire l'existence de X pour l'énonciateur SO dans une dimension intersubjective, à rendre publique cette existence" FRANCKEL & LEBAUD, 1989: 163.

"...on peut remarquer une particularité sémantique des compléments (*numéro de téléphone, nouvelle*): l'existence de ces termes est indissociable de la détermination de leur contenu qualitatif. Ces termes diffèrent donc du théorème de Thalès dont il est possible de connaître l'existence indépendamment de toute prise en compte de son contenu. Les propriétés de ces termes permettent donc de neutraliser la différence entre savoir et connaître, d'où l'effet de synonymie observé." FRANCKEL & LEBAUD, 1989: 88).

"reconhecer/perceber" (ibid.). Podemos talvez pensar que se trata de um arcaísmo semântico, conforme se pode verificar em algumas sequências, de (3) a (9), dando passagem já a uma breve descrição dos valores das formas medievais:

(3) Conhoscam todos aqueles que esta carta virem que eu NP outorgo (...) (DUARTE, 1986: 139)

(4) A cabo de tres dias/ conheço Eufrosina (...) que sse chegava o dia do seu acabamento (...) (CASTRO, 1986: 54)

(5) ...por esta prova conhecerei eu se sodes tam bõos como vos dizem (PIEL, 1985: 14)

(6) ...e por esto podedes vos saber e conhecer que nosso Senhor vos enviou aca dereitamente para mata-los (id.:108)?

(7) ...eu nom sei perto daqui abadia nem irmida (id.: 168)

(8) ...nom vos sei i conselho... (id.: 170)

(9) ...poderedes achar Naciam u ermitam, o melhor homem que eu sei em esta terra. (id.: 153)

De (3) a (5), **conhocer** selecciona uma completiva. O valor de (3) parece coincidir com o actual "saber", mas os restantes contextos deixam inferir que assim se marcavam os valores construídos actualmente por "reconhecer", "verificar", "perceber", "ver". Por seu lado, "saber" podia aceitar, como complemento, nominais concretos ("casa" "irmida") sem funcionamento predicativo, em (7) e (8), ou, no caso de (9),

---

"2. ..., *savoir* est incompatible avec des compléments dont la détermination QNT est indissociable de la détermination QLT et qui ne peuvent de ce fait prendre une valeur prédicative: ??*Je sais Paul; ??Je sais cet individu.*" Franckel & LEBAUD, 1990:89. Este comportamento também se regista em português contemporâneo.

especificava a expressão do alto grau.<sup>(6)</sup> apresenta o emprego conjunto dos dois marcadores; ambos aparentam reforçar-se, mas a construção das determinações do complemento é diferente: com "saber", a proposição da completiva é determinada qualitativamente pelo sujeito, isto é, identifica-se o seu valor de verdade; "conhecer" evidencia e actualiza a relação desse conteúdo com o sujeito.

O exame das ocorrências da locução "convém a saber"<sup>(7)</sup>, mostra um outro tipo de comportamento. Mesmo na documentação mais antiga do sub-"corpus" de análise (cf. infra), o infinitivo aparece já a introduzir e a dar relevância a uma enumeração ou uma explicitação. Na segunda metade de duzentos, surge ainda sujeito às suas próprias regras de subcategorização, quando introduz uma completiva ou é apenas justaposto, introduzindo uma aposição.

## 2. "Saber"/"conhecer" nas notificações medievais

Este trabalho insere-se numa investigação que tem recorrido à

---

<sup>(6)</sup> Na Idade Média, havia, pois, a possibilidade de "saber" se associar ao alto grau, marcando um percurso; em português contemporâneo, como se sabe, usa-se "conhecer": assim, (9) passaria a "...o melhor homem que eu conheço nesta terra". As operações subjacentes ao alto grau, compatíveis com ambos os verbos, favoreceriam a substituição de um pelo outro.

Os documentos da chancelaria de D.Afonso III, elucidativos da variedade de opções e da conservação das acepções próprias a cada termo, apresentam "a saber é", que não volta a ocorrer nos outros documentos que constituem o "corpus".

informatização<sup>1</sup> de textos como forma de facilitar a sua análise através de um programa de concordâncias ( OCP- Oxford Concordance Program). O "corpus" constituído abrange textos literários e não-literários dos séculos XIII a XV, com predomínio do século XIV. A selecção dos textos foi feita, na medida do possível, a partir de edições actualizadas. A disparidade nos critérios de transcrição não dificultou o acesso aos dados da superfície sintáctica dos documentos.

O presente artigo refere-se a um sub-"corpus" de textos notariais, dos quais se recolheram 1266 notificações correspondentes a documentos originais e a traslados<sup>2</sup>. Ainda

<sup>1</sup> Das colecções de textos utilizadas, duas, MAIA (1986) e DUARTE (1986), fazem parte do CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval) e foram informatizadas por Susana Pereira e Teresa Oliveira no âmbito do projecto **Gramática do Português Medieval** do Departamento de Estudos Linguísticos da FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Também se incluíram no *corpus* 29 documentos ( Gavetas 11 e 12, ANTT), relativos ao reinado de D.Dinis, numa edição informatizada por PARKINSON (1991).

<sup>2</sup> Segue-se a indicação da edição (cf. Referências Bibliográficas) com o número de documentos utilizados, bem como do período cronológico a que se reportam:

AZEVEDO (1905):	31 (4 traslados)	(1299-1331)
id. (1906):	11 (1 traslado)	(1260-1298)
id. (1908):	8	(1272-1278)
COELHO (1989):	64 (5 traslados)	(1294-1449)
DIAS (1987):	24	(1270-1449)
DUARTE (1986):	29 (2 traslados)	(1255-1279)
MAIA (1986):	28	(1281-1448)
MARQUES (1984):	373 (16 traslados)	(1357-1367)
id. (1990):	669 (28 traslados)	(1325-1344)
PARKINSON (1991):	29	(1290-1292)
<hr/>		
TOTAL .....	1266	
MAIA (1986):	94 docs. galegos	(1255-1450)

se incluiu um conjunto de 93 fórmulas de documentos galegos editados por MAIA (1986).

Para o período compreendido entre 1250 e 1450, consideraram-se cinco tipos de fórmulas cuja ocorrência depende de factores situacionais-pragmáticos: I. **Conhoçuda** coisa seja...; II. **Conhoscam** quantos esta carta virem...; III. A quantos esta carta virem e ouvirem **faço saber**...; IV. A vós [nome, título] saude. **Sabede** que...; V. **Sabham** quantos esta carta virem.

É possível proceder provisoriamente à contextualização de cada tipo. Assim, os tipos I, II, III e V indiciam um acto jurídico publicado perante todo o reino, incluindo naturalmente os visados, sem qualquer ocupação de carácter administrativo-político; o tipo IV surge sempre que o texto contém instruções destinadas a indivíduos que exercem cargos oficiais ou que de qualquer modo detenham poder administrativo (almojarifes, alcaides, abades, etc.).

A variação é também relativa à instância de poder judicial<sup>14</sup>.

As sequências apresentadas são meramente uma adaptação ao português actual e apenas se destinam a identificar tipos de fórmulas, de modo a permitir reconhecer a estrutura presente numa fórmula. Uma vez que estamos a estudar a variação livre, pretendeu-se sobretudo confrontado os tipos I e II com os restantes, embora a distribuição destes evidencie diferenças.

<sup>14</sup> (...) muito embora não sejam raras, no decurso do século XIII, as escrituras entre particulares em que o tabelião não intervém, a verdade é que do reinado de Afonso III (1245-79) restam traslados, escrituras e disposições legais que mostram claramente estar já nesta altura o tabelião sujeito a uma certa organização oficial, embora não extensiva a todos os

Os tipos III e IV são quase sempre empregues em cartas régias, enquanto o tipo III surge em documentos de tabeliados locais. Como este trabalho é ainda preliminar, optou-se assim, com base nas diferenças observadas, por distinguir textos dimanados das chancelarias reais e textos com qualquer outra proveniência ("cartas régias" e "outros documentos", cf. anexo). Constituiu-se ainda outra classe, relativa aos textos galegos (cf. anexo), que pelo seu carácter local, apenas podem ser comparados com os diplomas não-régios.

Uma vez identificadas as variáveis livres (proveniência e tempo), procedeu-se à determinação das frequências absolutas de cada fórmula em cada conjunto notarial e ao cálculo de percentagens sobre os totais das frequências. Encontram-se em anexo os valores observados correspondentes a cada forma (a negrito), bem como dois gráficos, um para as cartas régias e outro para os diplomas não régios, pondo em correlação quatro classes temporais com as percentagens obtidas. Este simples cálculo visa apenas mostrar tendências, que serão com certeza corrigidas e/ou afinadas com o tratamento estatístico de uma amostra mais alargada e cronologicamente mais equilibrada.

---

concelhos. Dos tabeliães, uns eram **do paço** ou das **notas** e outros **das audiências** ou **do judicial**. (...) Em regra, os tabeliães eram especiais das cidades, vilas ou lugares para onde os nomeavam, muito embora, mas a título de excepção, alguns estivessem autorizados pelo soberano a exercer o ofício em todo o Reino, ou em toda uma comarca, ou, ainda, em terras situadas em diferentes regiões, mas sujeitas ao mesmo senhorio. Eram denominados **tabeliães gerais**- "assy de todo Reino, como nas comarcas, Correições e Bispados..." "Tabeliães" in **Dicionário de História de Portugal**.



Os quadros obtidos permitem para já alguns comentários acerca da forma como umas fórmulas vão prevalecendo sobre outras até o seu emprego estabilizar em finais do século XIV. Assim, o "corpus" mostra que os tipos I e II deixam praticamente de ocorrer a partir da classe temporal III (1351-1400). Este desaparecimento não se processa da mesma maneira para as fórmulas I e II: a primeira deixa de ocorrer na segunda classe temporal (1301-1350), embora perdure até mais tarde nos documentos galegos, dos quais só se ausenta no último período (1401-1450). Não é este o lugar para estender o comentário sobre o contraste entre documentos galegos e portugueses, mas deve-se lembrar que os primeiros têm origem em tabeliados locais: seria interessante saber se se trata de simples arcaísmo dos notários galegos ou se tal decorre da rotina notarial do reino de Leão (e Castela), pelo menos, até meados do século XIV.

O conjunto de textos com maior variedade de fórmulas e o mais antigo também é o da chancelaria de D. Afonso III; a sua comparação com textos da mesma classe temporal mostra que as fórmulas II e III são as mais utilizadas em textos régios e não-régios. No entanto, já se encontram formas que terão mais tarde uso praticamente obrigatório em dadas circunstâncias de exercício do poder jurídico.

Também se deve destacar o contraste entre as chancelarias régias e os cartórios regionais. As fórmulas com **conhecer** estão ausentes dos documentos posteriores a 1301. Nota-se aliás que a variedade de fórmulas empregues nos documentos da

chancelaria de D.Afonso III, distribuídas por frequências (quase) aproximadas (I-7; II-4;III-5;IV-5;V-5), se sucede uma limitação de tipos utilizados, com nitida preferência pelos tipos III e IV.

Quanto a outros aspectos que mereceriam maior desenvolvimento, refira-se apenas que a distribuição das fórmulas com "saber" também sofreu uma especialização com a instância judicial. Os documentos não régios apresentam uma frequência elevada de **sabiam**. **Faço saber** parece facultar outra opção aos escribas locais e particulares, mas o exame atento da documentação mostrou tratar-se de documentos dimanados de cartórios episcopais. A preferência por determinado tipo de fórmulas parece, portanto, depender do estatuto sócio-político dos emissores e dos receptores dos documentos notariais.

#### 4. Questão/conclusão

O facto de "sabiam" e "conoscam" surgirem como sinónimos a reger uma completiva nas notificações deve-se à falta de composicionalidade destas, daí se neutralizando a distinção de valores semânticos? Embora esta hipótese não se afigure descabida, devem-se considerar a afinidade semântica dos dois verbos e a semelhança morfológica de "conhocer" com as formas de "novi" no formulário dos documentos latinos, anteriores ou contemporâneos dos textos em romance:

(I) "Nouerint uniuersi presentis scripture seriem inspecturi quod..." (AZEVEDO, 1906: 1263)

(2) Notum sit omnibus presentem cartam inspecturis...  
(FAGUNDES, 1986: 1278)

(3) universis presentem cartam inspecturis notum facio quod...  
(idem)

(4) Sciatis quod... (MARQUES, 1991: )

A forma passiva de "novi" é empregue em (1) e as passivas em (2) e (3) com "quod" ("que" ou "como" nos documentos em português): o valor de relativo teria sido obliterado pela função de conector-marcador de um novo conteúdo proposicional sobre o qual opera um verbo epistémico. Em (4), o verbo empregue é "scio", semanticamente próximo de "saber". Apesar de as notificações apresentarem formas não correspondentes de "novi" e "scio", vê-se que a própria construção latina estaria já, como (4) parece indicar, numa fase de evolução (fixação) muito próxima da romance, admitindo a sinonímia entre os marcadores.

## ANEXO

## SABER E CONHOCER

## FREQUÊNCIAS EM NOTIFICAÇÕES

1251-1300

	CARTAS RÉGIAS		OUTROS DOCUMENTOS		GALEGOS	
	n	%	n	%	n	%
<i>conhoçuda</i>	7,0	25,9	13,0	24,1	39,0	86,7
<i>conhoscam</i>	3,0	11,1	4,0	7,4	1,0	2,2
<i>faço saber</i>	6,0	22,2	2,0	3,7	0,0	0,0
<i>sabede</i>	6,0	22,2	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>sabham</i>	5,0	18,5	35,0	64,8	5,0	11,1
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>		<b>54</b>		<b>45</b>	

1301-1350

	CARTAS RÉGIAS		OUTROS DOCUMENTOS		GALEGOS	
	n	%	n	%	n	%
<i>conhoçuda</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	13,0	52,0
<i>conhoscam</i>	0,0	0,0	11,0	13,9	0,0	0,0
<i>faço saber</i>	537,0	81,7	5,0	6,3	0,0	0,0
<i>sabede</i>	120,0	18,3	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>sabham</i>	0,0	0,0	63,0	79,7	12,0	48,0
<b>TOTAL</b>	<b>657</b>		<b>79</b>		<b>25</b>	

1351-1400

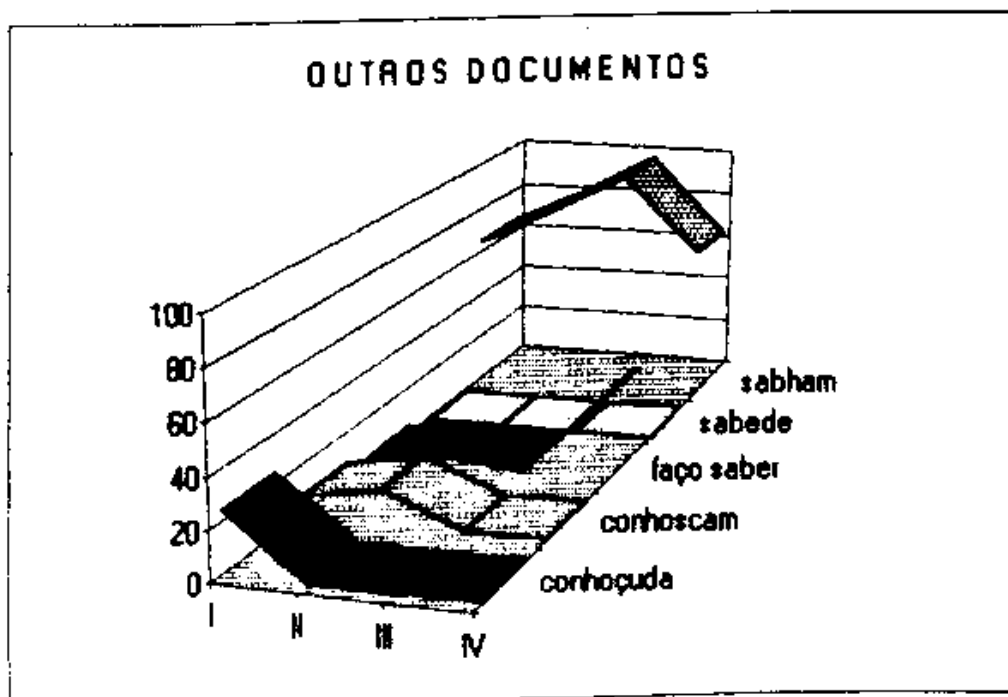
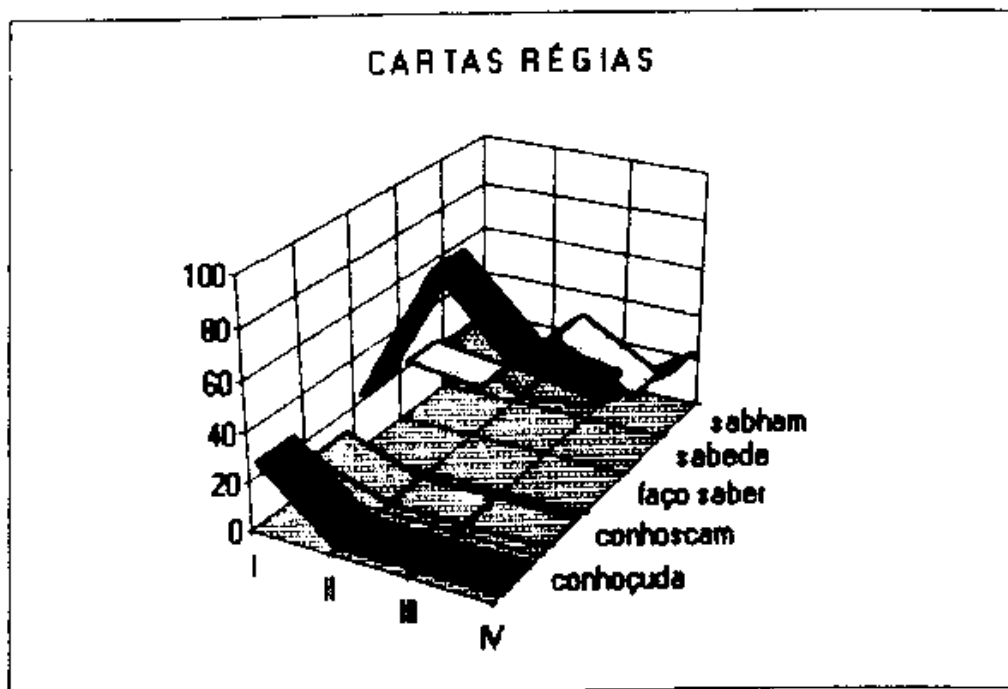
	CARTAS RÉGIAS		OUTROS DOCUMENTOS		GALEGOS	
	n	%	n	%	n	%
<i>conhoçuda</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	12,5
<i>conhoscam</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>faço saber</i>	191,0	49,9	1,0	3,1	0,0	0,0
<i>sabede</i>	183,0	47,8	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>sabham</i>	9,0	2,3	31,0	96,9	7,0	87,5
<b>TOTAL</b>	<b>383</b>		<b>32</b>		<b>8</b>	

1401-1450

	CARTAS RÉGIAS		OUTROS DOCUMENTOS		GALEGOS	
	n	%	n	%	n	%
<i>conhoçuda</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>conhoscam</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>faço saber</i>	9,0	45,0	5,0	35,7	0,0	0,0
<i>sabede</i>	6,0	30,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<i>sabham</i>	5,0	25,0	9,0	64,3	15,0	100,0
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>		<b>14</b>		<b>15</b>	

n - frequências absolutas

% - percentagem relativa ao total de cada classe de texto



#### LEGENDA

- I-(1251-1300)
- II-(1301-1350)
- III-(1351-1400)
- IV-(1401-1450)

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, P.A. (ed.), (1905), "Urraca Machado, dona de Chelas", *Arquivo Histórico Português*, III.
- (1906), "Documentos Portugueses do Mosteiro de Chelas", *Revista Lusitana*, IX.
- (1908), "Documentos Portugueses de Pendorada do século XIII", *Revista Lusitana*, XI.
- CAMPOS, M.H.C. (1984), "Pretérito Perfeito Simple/ Pretérito Perfeito Composto: uma Oposição Aspectual e Temporal", *Letras Soltas*, 2, pp.11-53.
- CASTRO, I. et al. (ed.), (1986) *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos-INIC.
- COELHO, M.H.C. (1989), *O Baixo Mondego dos finais da Idade Média*, Lisboa, IN-CM.
- CULIOLI, A. (1990), *Pour une Linguistique de l'Enonciation*, Paris, Ophrys.
- DIAS, J.J.A. et al. (1987), *Album de Paleografia*, Lisboa, Estampa.
- DUARTE, L.F. (1986), *Os Documentos em Português da Chancelaria de D.Afonso III* (tese não publicada), Lisboa, FCSH-UNL.
- FRANCKEL, J.-J. & LEBAUD, D. (1989), *Les Figures du Sujet. a propos des verbes de perception, sentiment, connaissance.*, Paris, Ophrys.
- LEBAUD, D. (1990), "Savoir et Connaître", *Le Gré des Langues*, 1, 165-190.
- MAIA, C.A. (1986), *História do Galego Português*, Lisboa, INIC.
- MATEUS, M.H.M. et al. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- MARCHELLO-NIZIA, C. (1992) "Formation, défection et réfection d'un figement. Une Formule de serment européenne". *Le Gré des Langues*, 3, pp. 43-11.
- MARQUES, A.H.O. (s.d.), "Diplomática", *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Figueirinhas.

MARQUES, A.H.O. et al. (ed.) (1984), *Chancelarias Portuguesas-D. Pedro I*, Lisboa, INIC.

(1990-1992), *Chancelarias Portuguesas-D. Afonso IV*, 3 vols. INIC-Centro de Estudos Históricos da UNL. (1992),

PARKINSON, S (ed.), (1991), *Chancelaria de D. Dinis*, Gavetas 11 e 12, ANTT, edição informatizada (não publicada).

PIEL, J.M. (ed.) (1985), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, INIC.

VILELA, M. (1992), "Conhecer-saber: connaître-savoir. Analyse confrontative", *Actes du XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, Université de Zurich, Francke-Verlag.